

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondência não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 51

TERÇA-FEIRA 24 DE DEZEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

Diz-se que o paiz está pobre e exausto de recursos; que a sua situação economica é precaria, e preconsadora d'um triste futuro. Isto não é completamente destituído de fundamento, porque na verdade não dispõem de grandes meios, nem podem dizer-se lisonjeiras e felizes as suas circumstancias; e se examinarmos o estado das suas finanças, particularmente, o exame não nos contentará o espirito nem o nosso patriotismo terá de que alegrar-se.

Mas tambem não é absolutamente verdadeiro o que se diz, e afirma acerca da nossa actual situação economica. Ha nisto uma exaggeração, deploravel como a dos que tentassem economicamente louval-a e engrandecel-a. Na distribuição das riquezas naturaes, Portugal não foi de certo dos menos favorecidos. Possui um optimo clima, um solo rico e fertil, uma posição geographica feliz e apprizavel. Invejem-lhe estes dons os estranhos, que se dizem mais poderosos e opulentos do que elle.

E' quanto ás riquezas chamadas sociaes, ou aquellas que o homem consegue pelo esforço do seu braço, que se nota a nossa inferioridade. A população do territorio portuguez, posto que dotada de natural engenho, não tem sabido aproveitar os recursos que lhe ministrou a natureza. A sua intelligencia não tem sido acompanhada pela preciosa actividade, e tem deixado adiantar-se-lhe todas as outras, a quem ella podia acompanhar, e até, em muitas cousas, levar dianteira.

A industria, a agricultura, e, em geral, todas as artes estão, entre nós, sensivelmente atrasadas. Deste atrazo resulta evidentemente uma deficiencia dos valores, que constituem a riqueza social. Produzindo menos e muito menos do que podiamos, com muito e mais penoso esforço do que deviamos, é incontestavel que ha uma depreciação grande na quantidade dos valores com os quaes estavam auctorizados a entrar no mercado geral das nações. Somos pequenos, e ainda mais pequenos nos tornamos, por isso que não valemos tanto quanto podiamos valer.

Todavia o paiz não pode dizer-se pobre. Qualquer que seja a noção que tenhamos de riqueza, deve convir-se que possuímos, a despeito de tudo, um valioso e importante capital. Apesar de nosso atrazo industrial e agricola, produzimos, e possuímos ainda riquezas que nos dão um lugar distincto no meio da Europa. Mesmo aquellas a que chamamos, talvez impropriamente segundo a sciencia, naturaes, são valores consideraveis, que repellem o epitheto de pobreza.

O numerario, sem ser uma base segura e infallivel para julgar da riqueza d'uma nação, é contudo reputado com justo titulo o instru-

mento da proporção dos valores, e tambem em si um valor, de forma que uma nação que o possuir em grande quantidade não pode dizer-se pobre. Ainda por este lado, não temos nós razão de lamentar-nos. Os nossos estabelecimentos monetarios regorgitam de dinheiro, e alguns tem sido obrigados para dar util emprego aos seus capitães, a exportal-os para o estrangeiro. Esta estagnação é um prejuizo, certamente derivado do pouco movimento commercial, industrial e agricola, que ha entre nós, mas nem por isso é symptoma de pobreza.

Mesmo quanto ás nossas finanças, para que tenhamos nós d'andar por ahi a apavorar o espirito publico com jeremiadas continuadas? Nós caminhamos para o declive d'um precipicio economico, ninguem o contesta; porem estamos ainda muito distantes delle. A nossa situação por enquanto não é desesperada. Tão facilmente podessem outras nações, que nós vemos consideradas e na primeira ordem dellas, reconstruir o seu credito, como uma boa administração podia reconstruir o nosso.

O que nos falta é essa boa administração. Isto é que é a verdade. Tudo teremos tido, menos um governo justo, previdente, e economico. O desacerto, a indolencia, e o desperdicio é que tem desaproveitado todos os nossos recursos, e exaustido as mais copiosas fontes da nossa riqueza. Em logar de administradores severos, mais de uma vez temos tido deploradores ruinosos. Não sabemos se a verdade peza a alguém; mas sabemos que ella é da mais manifesta evidencia.

Não entões, pois, hymnos á nossa fortuna, nem nos ensoberbecamos com o que della nos resta para mais prontamente o despendermos. Mas cessemos de nos andar a illudir com falsas e banaes declamações. Procuremos, antes, ser modestos e bem governados. Ponhamos termo, enfim, á torrente dos nossos desperdicios, procurando aproveitar bem os recursos de que dispomos, e dispomos de muitos ainda — e distribuir melhor as despesas a que somos obrigados. Concorramos todos, cada um na sua esphera, para fazer desenvolver o commercio, prosperar a industria, animar a agricultura, que são os meios por onde pode augmentar o capital da nossa riqueza.

Falta aos cidadãos a energia precisa para entrar deste modo na senda do verdadeiro progresso? Supra a iniciativa do estado a falta da coragem individual. Insufie o governo no animo do povo o amor do trabalho e dos melhoramentos utais, impulsando-o a explorar os veios da riqueza nacional, que restam por explorar. E desse modo conhecerão que dispomos ainda de importantes recursos, e senhoreamos um cabedal, que bem aproveitado pode restituir-nos a independencia, o bem estar, e a consideração, que successivos desastres nos fizeram perder.

A. P.

Houve na noite do dia 20 no ministerio do reino uma reunião dos deputados actualmente em Lisboa. Compareceram 48.

O fim desta reunião era, segundo a exposição do sr. ministro do reino, resolver se as côrtes deviam ou não continuar abertas, por isso que o decreto que as convocou para o dia 22 pôdia ter duas intelligencias, entendendo uns que elle annullara o decreto que primeiro as convocara para o dia 2 de janeiro, e entendendo outros o contrario. No primeiro caso as côrtes deviam funcionar depois da cerimonia do juramento; no segundo caso deviam encerrar-se após ella, começando os seus trabalhos só no dia 2 de janeiro.

O sr. José Bernardo da Costa Cabral optou pelo primeiro alvitre; e o sr. Antonio Luiz de Seabra sustentou o segundo. Na presença de duas opiniões oppostas, mas ambas tão respeitaveis, resolveu-se que o negocio fosse submettido ao conselho d'estado, que, segundo as ultimas noticias, foi de parecer que as camaras continuassem abertas.

Discute-se ainda sobre o escandalo de Peniche. Este escandalo é uma das consequencias do scisma levantado pelas exequias do conde Cavour. O prior da Lourinhã convidado para orar nas exequias que uma irmandade de Peniche resolveu mandar celebrar por alma do sr. D. Pedro V, foi desconsiderado por alguns clerigos daquela freguezia que se recusaram a celebrar em consequencia delle ter sido um dos cinco farizeus, segundo a Nação, das exequias de Cavour.

O facto denunciado a sua eminencia o cardeal patriarcha pelo offendido tem dado lugar a uma discussão ruidosa da parte dos impugnadores das exequias. Sua eminencia parece porem que cumprindo com o dever que a sua alta posição lhe incumbia, suspendeu o parochio da freguezia onde se deu o escandalo, e que fora um dos que principalmente promovera o scisma — em virtude do qual elle teve lugar.

Em vista d'isto tornava-se mais do que nunca preciso, que a respectiva auctoridade ecclesiastica definisse este negocio, para que ficassem sabendo se depois do despacho que deu ao requerimento da commissão italiana e clero da sua diocese podia ou não suffragar a alma de Cavour sem incorrer na nota de excomungados.

A continuação d'este estado d'incerteza e dúvida é insustentavel e perigoso. Se cada sacerdote podesse, segundo o dictame da sua consciencia, julgar que este, ou aquelle dos seus pares no sacerdocio está incurso em censuras ecclesiasticas, sem necessidade da intervenção do prelado diocesano, que numerosos conflictos poderão d'aqui originar-se!

A Nação que é tão sabedora nestas materias não pode de certo querer que em S. Vicente de Fóra se pense deste modo. X.

de ter dado asylo a Scipião, que pintaram as suas victorias nas praças publicas, e debaixo dos porticos.

Dizem os sabios napolitanos que a villa de Scipião estava situada a distancia de meia milha de Vico di Pantano, — n'um lugar que ainda conserva o nome da villa.

Em 1845 descobriram-se na margem meridional do lago duas estatuas d'homem vestidas com a toga, e uma de mulher, servindo d'ornamentos a um pequeno templo, — talvez um tumulo.

Seria o tumulo do Africano? Nesse caso as tres estatuas deviam ser as de Scipião, Ennio, e Emilia.

Os historiadores não tem feito um juizo recto de Scipião, como general. Apresentam-no como o typo do caracter romano. Pois enganam-se. Ao contrario é nelle que começa a desinvolverse o elemento grego. Mario é o verdadeiro typo romano, e em Scipião ha muito mais d'Alexandre que de Mario. Polybio, de quem devemos desconfiar por causa da sua parcialidade, diz que Scipião era um homem agradável e heroico. Os republicanos o tinham em conta de perigoso. A supposta continencia que a historia tem apregoado tanto, de modo nenhum lhe era habitual. Pelo contrario — quando os soldados, que bem conheciam os costumes do seu general, lhe offereceram a captiva formosa de Carthago:

Se eu fosse um particular, deu elle em resposta, nenhuma dadiva mais grata me poderieis ofertar.

Mas... Scipião era general. Como general

A camara municipal da villa da Feira mandou celebrar no dia 19 do corrente, na igreja matriz, sollemnes exequias em honra do fallecido monarcha o sr. D. Pedro V.

A cerimonia foi feita com toda a pompa funebre, assistindo a camara municipal em rigoroso lucto, todas as confrarias e irmandades, as auctoridades administrativas e judicarias, todas as pessoas de distincção do concelho e um numeroso concurso de povo.

Depois da oração funebre, que foi recitada pelo digno abbade de Paços de Brandão, a commoção subiu de ponto em todos os assistentes, e finda a cerimonia religiosa, a camara recolhendo-se aos paços municipaes, dirigiu a S. M. el-rei o sr. D. Luiz a seguinte carta de pezaes:

Senhor!

A camara municipal do concelho da Feira, pungida pela dor, que magoa toda a nação portugueza, pranteia com vossa magestade a morte da augusta pessoa de el-rei o sr. D. Pedro V, e de S. A. o senhor D. Fernando.

Um povo heroe, como o portuguez, conta sempre nas suas primeiras virtudes, a estima, que deve a seus soberanos, chora sempre como desgraça propria a morte do seu rei! E a morte d'el-rei o senhor D. Pedro V, muito é para chorar!! Em tão verdes annos, e em tão curto reinado manifestou á luz do entendimento popular a vontade de fazer prosperar o paiz pela liberdade, pela instrução, e pelo trabalho; revelou aos olhos da humanidade, o sentimento absoluto do bem, com o risco de sacrificar a propria existencia; patenteou na officina das classes laboriosas o seu amor, sem a pompa da realza, pelos que trabalham. O povo não choraria o rei, se o não amara, e o povo portuguez chorará sempre o senhor D. Pedro V!

O culto da saudade, e os suffragios religiosos é quanto o povo portuguez pôde votar á candida alma do fallecido rei virtuoso! e assim a camara municipal do concelho da Feira acabando de resar pelo seu eterno descanso, vem agora rogar a vossa magestade se digne aceitar os sentidos pezames, que em nome dos povos do seu municipio apresenta a vossa magestade pela sentida morte de seus augustos irmãos. Deus guarde a preciosa vida de vossa magestade como todos havemos mister. Feira em sessão de 19 de dezembro de 1861.

Fausto da Veiga Campos, presidente.
Manuel Pinto d'Almeida, fiscal.
Antonio de Castro Carneira Corte-Real.
Domingos Pereira da Silva.
José Moreira Pinto.
Manoel José de Moura.

tinha de dar o exemplo; e por tanto entregou a filha a seu pae.

Com tudo isso era um daquelles soldados refulgentes que arrastam as massas, um daquelles homens que tem palavras felizes que magnetizam as turbas.

De 17 annos na batalha do Tesino cubriu seu pai com o escudo e recebeu 27 feridas. De vinte e quatro annos procedendo como vingador e successor de seu tio e pai pediu o commando do exercito d'Hispanha, *aviagado* (permitta-se-nos esta palavra) pela morte dos dois generaes. O povo entusiasmado o elegeu. Antes de ter a idade propria pediu a edilidade, e como lhe dissessem que era muito moço para a obter, respondeu: eleja-me o povo romano, e então terei a idade.

Foi um dito como este que o absolveu da primeira accusação de peculato.

O dia em que se dava a sentença a favor ou contra elle era precisamente o anniversario da batalha de Zama.

Scipião entrou no Forum, e subiu á tribuna.

Todos pensavam que ia pronunciar a sua justificação, e se prepararam para o ouvir.

« Romanos, exclama elle, foi n'um dia como « este que eu venci Annibal e os Carthaginezes; « acompanhai-me ao Capitolio para dar graças « aos deuses. »

Esta expressão foi uma segunda victoria de Zama. Povo, juizes, tribunos, accensadores, e os proprios escrivães — todos o seguiram até ao Capitolio, e triumphou n'esse dia, diz Michelet,

FOLHETIM

NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR

ALEXANDRE DUMAS.

O Lago Patria

(Continuação do n.º 47)

Literno, donde vieram Sempronio e os seus trez mil homens, e cujas ruinas são ainda hoje marcadas por uma velha torre, provavelmente se estendia até á encosta das montanhas visinhas. Foi fundada pelos Cumeanos; um rio pequeno chamado opt'ora o — Clanio, e hoje o — Lagno, se reparte em dois ao chegar á cidade; e um delles desagua no lago, e o outro vac perder-se no mar; porem o que hoje não passa d'um pantano era no tempo dos gregos um porto — depois alargado e reparado por Agrippa. Uma antiga ponte na foz do rio junta as duas margens communicando-as entre si.

Literno foi colonia romana, prefeitura no reinado d'Augusto, e depois fortaleza quasi inexpugnavel; — todavia Genserico se apoderou della, e mais tarde o mar sahindo fóra dos seus limites chegou até aos suburbios, e os sepultou n'arêa.

Eneontraram-se ainda hoje restos da muralha, mosaicos, e pinturas.

Até ao sopé dos muros de Literno s'estendia o lago Patria, celebre por a visinhança do tumulo de Scipião. Sabe-se que uma palavra do epitaphio desse tumulo den o nome moderno á pequena povoação de cabanas que restam da ci-

dade de Literno, e ao lago que lhes banha o sopé,

Patria

O epitaphio composto por o proprio Scipião era concebido nestes termos:

Ingrata PATRIA, ne ossa quidem mea habes.

Quando se achou o monumento do Africano que estava perdido, ou para melhor nos expressarmos — quando os seculos illustrados vieram substituir os seculos barbaros, e se deu attenção ao monumento, só se descobriram então as duas primeiras palavras do epitaphio vingador:

Ingrata patria

As outras tinham sido carcomidas pelo tempo.

Com effeito quando expatriaram a Scipião foi elle viver para Literno, e morreu n'uma villa que tinha nos suburbios desta cidade. O tumulo de Scipião estava á beira do golpho euboico, — quiza no mesmo lugar onde um visitante curioso o foi encontrar a fazer recochetes no mar com os seixinhos da praia.

Sua mulher Emilia, filha de Paulo Emilio que morreu na batalha de Cannas, mandou erigir o monumento, ácerca do qual disse Petrarca:

In questa augusta e solitaria villa
Era il grand'um che d'Africa si appella,
Perche primo col ferro al vivo aprilla

Mandou collocar sobre o monumento a estatua de seu marido, e a do poeta Ennio, que o tinha acompanhado no desterro, assim como Terencio e Lelio.

Os habitantes de Literno ufanavam-se tanto

NECROLOGIO

Proposui pro luce habere sapientiam, quoniam inextinguibile est lumen illius. Sap. Cap. 7.

O concelho d'Agueda conta de menos um dos seus distinctos cidadãos, e o paiz acaba de perder um dos homens que prestára os mais valiosos serviços na longa carreira do magisterio.

Baixaram hoje á sepultura os restos mortaes doreo.º Domingos José Roiz da Silva, presbytero, e professor jubilado na cadeira de latim da villa d'Agueda, contando 84 annos d'idade. — Tendo cursado as aulas no seminario do Porto, onde recebeu os primeiros rudimentos de educação litteraria e a ordenação, que elle pôde obter, apesar dos curtos meios de seus humildes paes, devida ao seu aproveitamento e elevado talento, conhecido por mestres, ali mesmo se tornou reconhecido das principaes familias, dando lições de latim, francez, de musica e de rhetorica: depois d'algum tempo passou a exercer a cadeira de latim na villa d'Ovar, onde grangeou a estima de todas as familias; e em 1818, a instancias d'alguns chefes de familias deste concelho, passou a residir n'esta villa, exercendo a mesma cadeira, prestando os maiores serviços á mocidade a quem dava lições de francez, rhetorica e musica, contando-se grande numero de discipulos e uma capella de musica de que elle fôra auctor.

Era d'um coração bem formado, naturalmente caritativo, não podendo nem supportar a indigência, sem lhe dar o ultimo óbolo da sua propria subsistencia, nem soffrer o orgulho do avarento, a quem elle appellidava monstro da humanidade: — era notavel por sua natural inclinação ao ensino da mocidade, em que consummava a maior parte de sua vida; dotado d'um talento didactico e mui caracteristico, era para admirar a maneira facil e insinuante, como elle se communicava com seus tenros discipulos; usando de um methodo d'ensino o mais claro e conciso, não podendo supportar o systema geralmente adoptado de compendios volumosos e variados, que tendem só a escurecer e confundir as primeiras edades, e que elle tão habilmente substitua pelas suas vivas explicações.

Ensinando latim, elle buscava simultaneamente esclarecer seus discipulos por meio de noções de philosophia e da moral, adequadas á sua curta capacidade, inspirando-lhes os fundamentos da verdadeira educação moral e civil.

Por extremo sensível aos aquelleos da maledicencia, sua debil compleição não supportava a punção de alguns poucos detractores de quem elle fazia o sujeito de seus opusculos em prosa, e em verso, valendo-se do epigramma, e da ironia, armas que elle destramente manejava contra seus adversarios.

Strenuo defensor da verdadeira liberdade, mofava dos seus falsos apóstolos, que empregando os termos — Progresso, reforma, fossil e obscurantismo — eram por elle reputados destruidores da verdadeira instrução e liberdade.

Via com indignação os despotas e seus thuriferarios, como auctores das miserias do concelho; tendo por vezes projectado sair de sua casa para o Porto, para não tragar a taça das amarguras, que lhe prepararam o seu ultimo golpe!.. Repeitia muitas vezes a seus amigos a maxima do sabio Bias — De todas as bestas selvagens a mais temivel é o tyrano; e das domesticas é o adulator.

Por meio das maximas mais salutaras sobre os dogmas fundamentaes da religião christã elle sabia oppor o maior dos correctivos aos defeitos do seu temperamento extremamente bilioso; de forma que no maior fogo da iracundia se conduzia com a maior reflexão, sabendo-se temperar bem á maneira de Socrates, quando tinha de punir seu criado, exclamando: *Eu te castigaria, se não estivesse em cólera.*

Renunciando as grandezas mundanas e com uma abnegação stoica ás riquezas, prestava-se do melhor grado a servir a humanidade, podendo-se

não d'Annibal e Syphax, mas o que é mais — da magestade da republica e da santidade das leis.

Porem depois de bem manifestado este triumpho, retirou-se para as suas terras de Litterno.

Scipião era accusado pelos velhos romanos de um facto porventura ainda mais grave do que ter recebido o dinheiro d'Antiocho. Accusam-no de ter feito as comedias de Terencio, que quasi deixou morrer de fome, não desmentindo os boatos que corriam sobre a sua paternidade no que diz respeito ao *Eunucho e Andrianno.*

A villa de Scipião era construida de singelas pedras quadradas, que não soffriam labores; o banho era acanhado e escuro; e tinha um grande deposito d'agua para regar os jardins, que o proprio dono cultivava. No tempo de Plinio, o velho, ainda se apontava para algumas oliveiras e um myrto, que foram plaatadas por elle, segundo diziam.

Ao cabo de quatro annos de residencia em Litterno, ali mesmo falleceu o vencedor d'Asdrubal, Syphax, Annibal, e Antiocho, — no mesmo anno em que morreu Annibal na Bythinia, e Philopemen em Messenia: — os dois primeiros desterrados, e o terceiro prisioneiro.

Tito Livio affirma que visitou o tumulo de Scipião, e que viu uma das estatuas que ornavam o tumulo derrubada pela tempestade.

Seneca entrou na villa de que faz uma descripção, e prostrou-se diante do tumulo do Africano, como se prostraria nos umbraes d'um templo.

dizer d'elle como de Fenelon — *Que assima d'elle estava sua familia, assima de sua familia a patria e assima da patria a humanidade.* — Lançamos aqui esta pequena centelha do raro merito d'um homem, a quem nós, bem como milhares de pais de familias, tivemos a fortuna de contar como segundo paiz e como o primeiro preceptor e educador, a quem devemos as primicias de nossos conhecimentos.

Oremos ao Eterno pelo descanso de sua alma. Agueda 22 de dezembro de 1861. S. C.

TRIBUNAES

Relação do Porto.

Na sessão do tribunal da Relação de 17 do corrente, assignou-se o dia 23 do mesmo, para o julgamento das seguintes causas:

Appellações crimines

Ponte de Lima. — Genoveva Joaquina com o ministerio publico.

Mogadouro. — O ministerio publico com Manoel Maria Agueda

Coimbra. — Antonio Albino e outro com o ministerio publico.

Moimenta da Beira. — O ministerio publico com Francisco Joaquim, Dez-reis.

Aggravos.

Coimbra. — O ministerio publico com José Maximiano Augusto de Figueiredo.

Arganil. — O ministerio publico com Maria, filha de Francisco Antunes e outra.

S. Pedro do Sul. — Bento José Lourenço com o ministerio publico.

Vizeu. — O curador geral dos orphãos com Antonio Joaquim Lopes da Silva.

Na mesma sessão foram distribuidas as seguintes causas:

Appellações civis.

Marco de Canavezes. — Antonio Pinto de Almeida no inventario de Josepha Maria; juiz Barbosa, escrivão Silva Pereira.

Amarante. — Antonio Geraldo de Queiroz Azevedo e Vasconcellos com Antonio Pereira Augusto; juiz Pinto, escrivão Albuquerque.

Louzã. — Bento José Ferreira Barata e outro com Francisco Nunes da Cruz; juiz Abranches, escrivão Bandeira.

Ponte de Lima. — Manoel José Lobo e mulher com Francisca Rosa Fernandes; juiz Silveira Pinto, por impedimento, Pinto, escrivão Cabral.

Ponte de Lima. — Manoel Antonio de Sousa com Francisco de Piedade de Sousa; juiz Oliveira, por impedimento, Pereira Leite, escrivão Silva Pereira.

Porto. — Joaquim Monteiro com Albina Monteiro e marido; juiz Pereira Leite, escrivão Albuquerque.

Porto. — Joaquim Francisco da Silva com Bernardina Moreira da Silva e marido; juiz Aguilhar, escrivão Bandeira.

Santo Thyrso. — Joaquim Rodrigues com Antonio Domingues de Sousa; juiz Macedo, escrivão Cabral.

Porto. — Maria Theodora da Costa com Domingos Joaquim da Costa e mulher; juiz Seabra escrivão Silva Pereira.

Porto. — D. Maria Amalia Osorio com José Joaquim Pereira Pinheiro; juiz Lima, por impedimento, Aguilhar, escrivão Albuquerque.

Porto. — João Antonio da Silva Rodrigues e mulher com Joaquim Antonio da Silva Rocha; juiz Leite, escrivão Bandeira.

Porto. — João Rodrigues Alves com José Antonio das Neves; juiz Lopes Branco, por impedimento, Macedo, escrivão Cabral.

Porto. — D. Anna Rosa de Jesus com Antonio Martins Torres; juiz Sarmento, escrivão Silva Pereira.

Aggravos

Lamego. — O reverendo Fortunato Pinto de

A grande porção de terreno coberto de lentiscos e pinheiros que s'estendia desde o lago Patria até ao Vulturno, chamava-se *Sylva Gallinaria*, por causa das gallinhas bravas, e gansos d'arribação, de que havia ali grande abundancia na epocha d'emigração. D'esta floresta principalmente os romanos cortavam madeiras para navios, e Sexto Pompeu e os seus piratas construíram ali a frota com que se arranjaram á conquista do Mediterraneo.

A villa de Cicero que elle chamava a sua villa de Cumas, não se atrevendo a chamar-lhe villa de Baia por causa da pessima reputação d'esta cidade, devia estar situada na collina chamada *dello Scalerudrone*, onde se encontram ainda hoje alguns arcos d'abobeda arruinados.

Pelo que diz respeito ao terrivel Acheronte, conhecido hoje por o nome menos terrivel de lago Fusaro, está servindo de viveiro d'ostras, e para curtir canamo.

O Cocyto foi entulhado como medida sanitaria.

Entre o lago Patria e o monte de Cumas descobriram-se tumulos gregos. Alguns tinham dois repartimentos; — um era o sepulchro, e o outro o thesouro.

No repartimento sepulchral estava deitado o cadaver vestido com a sua armadura, e haviam magnificos vasos d'altura d'um metro.

No repartimento do thesouro estavam vasos mais formosos, melhores armas, e preciosos objectos pertencentes á armadura completa d'um guerreiro.

Entre o Acheronte e Cumas achou-se uma

Carvalho de Sande com o ministerio publico; juiz Barbosa, escrivão Cabral.

Coimbra. — A misericordia de Combra com Joaquim Ribeiro, mulher e outro; juiz Pinto, escrivão Silva Pereira.

Mira. — Ignez Perpetua com o ministerio publico; juiz Abranches, escrivão Albuquerque.

Supremo tribunal de justiça

Sessão de 17 dezembro.

Julgamento

9651 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido José Camillo Ferreira Botelho de Sampaio; relator Ferrão.

9652 — Aggravo — aggravante o M P., aggravado Aniceto José Gonçalves e mulher; relator Mello.

9653 — Recorrente José Bento Ribeiro de Faria, recorrida a fazenda nacional; relator Mello.

9654 — Aggravo aggravante Antonio de Sousa Freire e mulher, aggravado Francisco Veloso da Cruz; relator visconde de Lagoa.

9656 — Aggravo aggravante Antonio Ferreira Mendes Guimarães, aggravado Esmenio d'Araújo Machado; relator Sequeira Pinto.

8657 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido José Joaquim dos Prazeres; relator visconde de Lagoa.

Julgamento

9161 — Recorrente José Antonio Alves Maria, recorrido a abbadesa e religiosas do Mosteiro das Chagas da cidade de Lamego; negou-se a revista.

9020 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido Manoel José Rodrigues; não se tomou conhecimento.

9232 — Recorrente Josepha de Jesus, recorrido Francisco de Lemos Ramalho d'Azevedo Coutinho; negou-se a revista

9569 — Recorrente José Manoel da Veiga Cabral e outros, recorrido Alberto Pereira Monteiro; negou-se a revista.

Para a sessão de 7 de janeiro

9133 — Recorrente a fazenda nacional, recorrido Amaro de Carvalho, e mulher; relator Ferrão.

9616 — Recorrente José Baptista de Sampaio recorrido José Antonio da Rocha; relator V. de Lagoa.

8882 — Recorrentes João Maria Alves, e Domingos Gonçalves Dias de Oliveira, recorrida a fazenda nacional; relator V. de Lagoa.

Relação do Porto

Autos distribuidos na Sessão de 20 de dezembro

Appellações civis

Penafiel — Manoel José da Matta, contra Custodio Lino de Balthar; juiz Cerqueira, escrivão Albuquerque.

Estarreja — Custodio José Marques, contra Francisco, Ricardo, Maria, Custodia, e Manoel, filhos de Francisco Marques; juiz Sousa, escrivão Bandeira.

Estarreja — Antonio Joaquim de Mattos e mulher, contra Domingos José d'Almeida e mulher; juiz Casado, escrivão Bandeira.

Braga — José Pereira da Silva Braga, contra Maria Rosa; juiz Castro, escrivão Silva Pereira.

Penafiel — A condessa de Penafiel, contra Agostinho Coelho de Sousa e mulher; juiz Gamma, por impedimento Seabra, escrivão Albuquerque.

Braga — D. Rachel de Jesus Ferreira de Novaes, contra João José d'Araujo; juiz Barbosa, escrivão Bandeira.

Aggravos.

Villa Verde — José Lourenço da Costa, contra Francisco José Dias Serzella, mulher e outros; juiz Silveira Pinto, por impedimento Seabra escrivão Bandeira.

PARTE OFFICIAL

Estrangeiros

Por officio do conde de Lavradio, ministro

estatuas de Venus Anadyomene perfeitamente nua, e um baixo relêvo de Paris seguido por Helena — que faz lembrar o *Pastor cum traheret* de Horacio.

Baia

Bem se sabe, e nós já o dissémos, que Baia era o terror dos amantes e maridos romanos. Horacio chama as suas praias as mais deliciosas do universo.

Nullus in orbe sinus Bajis praelucet amenis.

Propercio — o amigo de Gallo, Virgilio, e Mecenas, julgava que Cynthia, que todavia não era vestal, se comprometia demorando-se em Baia.

Tu modo corruptas quamprimum desire Baias.

Mario, Pompeu e Cesar tiveram villas em Baia. A villa de Cesar e Mario era a mesma, por que Cesar herdou-a e seu thio; o adolescente Marcello morreu n'esta villa, que tambem pertenceu a Octavio, herdeiro de Cesar. — Naquelle tempo raras vezes morria alguma pessoa joven sem que a sua morte fosse acompanhada de boatos d'envenenamento. N'essa morte suspeitou-se de Livia Drusilla, a velha imperatriz, que tinha sido primeira mulher de Tiberio-Claudio-Nero, de quem teve Druso, — e a qual Augusto divorciou para desposar a gravida de Tiberio. Druso que tão cedo se tornou famoso morreu depois de haver triumphado, — talvez por haver triumphado; e Tiberio estava destinado, como dizia Augusto, a machucar os romanos com os seus duros queixos durante os vinte e quatro annos que durou o seu reinado. — Ora Marcello, o filho adoptivo d'Augusto era um embaraço que tinha Livia nos seus ambiciosos planos em favor de Ti-

de sua magestade fidelissima em Londres, data do de 6 do corrente, consta que no dia 28 de novembro ultimo, o mesmo ministro fizera celebrar na igreja franceza exequias solemnes por alma do senhor rei D. Pedro V, de saudosissima memoria, a que concorreram os membros do corpo diplomatico, todos os portuguezes que se achavam naquella capital, e outras pessoas de distincção.

SS. AA. RR. a princeza de Joinville e sua filha, o duque de Nemours e sua filha, e o duque d'Aumale, unicas principes da familia de Orleans que se achavam nas vizinhanças de Londres, assistiram ás mesmas exequias em tribuna reservada, e a rainha Maria Amalia não podendo, por sua muita idade e enfermidades, achar-se presente, mandou-se representar pelo general conde de Chabannes.

Sua magestade britannica não foi representada naquelle acto solemne, nem ali concorreram os membros do governo britannico, por isso que as leis do paiz não lhes permittem assistir ás ceremonias religiosas nas igrejas catholicas; contudo as notas que o conde de Lavradio recebeu, assim do visconde Syney, mordomo-mór de sua magestade britannica, como lord John Russell, em resposta ás communicações que o dito conde lhes dirigira, annunciando os officios funebres, são concebidas nos termos mais expressivos, e reiteram as manifestações de sentimentos pela irreparavel perda que todos deploramos.

(Diario de Lisboa, de 19 de dezembro.)

Legação de S. M. fidelissima em Turim. — N.º 60. — Illm.º e exm.º sr. — Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. ex.ª que hontem veio a esta legação o mestre de ceremonias desta corte para, em nome de S. M. el-rei de Italia, dar-me os pezames e manifestar-me a grande parte que seu augusto amo tomára na justa dor da familia real de Portugal; e logo acrescentou que apenas S. M. recebera a notificação official da morte de S. M. el-rei o senhor D. Pedro V, de muito saudosa memoria, ordenára que a sua corte tomasse luto por vinte dias, a principiar de hontem.

Pouco depois da visita do mestre de ceremonias recebi a circular do estylo relativamente ao luto. A gazeta official de hontem continha tambem o aviso competente para aquelle fim.

Deus guarde a V. ex.ª Turim, 11 de dezembro de 1861. — Illm.º e exm.º sr. Antonio José d'Avila, etc. etc. — José Ferreira Borges de Castro.

Reino

Eugenio do Canto — nomeado professor proprietario das cadeiras de mathematica elementar e de principios de physica e chimica, e introdução á historia natural dos tres reinos, em curso biennial, do lyceu de Castello Branco, por decreto de 12 de dezembro corrente.

Alexandre Teixeira de Sousa Malheiro — nomeado professor proprietario da cadeira de grammatica portugueza, latina e latinidade de villa de Chaves, districto de Villa-Real, por decreto de 10 de dezembro corrente.

José Maria Varella — nomeado professor da cadeira de ensino primario de Oriola, concelho de Portel, districto de Evora, por decreto de 10 de dezembro corrente.

José da Rosa Themudo — para a de Alpalhão, concelho de Niza, districto de Portalegre, por decreto da mesma data.

Manuel Joaquim Rodrigues — professor de Torredeita, concelho e districto de Vizeu, jubilado por decreto da mesma data.

Joaquim de Sousa Brazão — professor da villa de S. Vicente, districto do Funchal, aposentado por decreto da mesma data.

Joaquim José de Sande — professor da villa de Pernes, concelho e districto de Santarem, aposentado por decreto da mesma data.

Por decreto de 10 do corrente foi Antonio

berio; o filho d'Octavia desviava o seu do-throno. — Quasi creança como Druso, talvez mais creança ainda, enchiam-no de honras; dez annos antes da idade marcada foi auctorizado pelos senadores para pedir o consulado; aos dezoito foi edil, e abaixo d'Augusto era o cidadão mais importante de Roma.

Já dissemos o que tínhamos a dizer acerca do afflictivo hemistichio, que Virgilio solta da bocca d'Anchises, quando este prognostica no inferno a seu filho Eneas os fados de Roma.

Tambem outra villa presenciou uma tragedia ainda mais terrivel que a do joven Marcello.

Nesta villa tramou-se, cresceu, e abortou a conspiração de Calpurnio Pisão.

Era uma conspiração bem singular. Calpurnio Pisão que por nenhum modo confundamos com o Calpurnio Pisão que envenenou Germanico, Calpurnio — o da conspiração, era um cidadão sufficientemente honrado para o tempo em que vivia; finalmente era um homem consular e de boa familia, muito relaxado nos seus costumes, e tinha emprestado por muito tempo para os prazeres do imperador a villa, cujas ruinas ainda existem.

Tratava-se de nada menos que de matar Nero, e em seu logar acclamar Calpurnio. Durante algum tempo hesitaram entre este e Seneca; a final prevaleceu o primeiro.

Calpurnio Pisão denunciado antes de ser delinquente, recebera não poder provar a sua innocencia; por isso tornára-se chefe da conspiração, considerando que se morresse, ao menos morria por um motivo que valia a pena.

Xavier Esteves conservado na cadeira de Verri- de, concelho de Monte-mór o Velho, districto de Coimbra, por se lhe ter accitado a desistencia que fez da cadeira de Odiveellas, para que fôr transferido por decreto de 21 de novembro ultimo.

Antonio Thomaz Ribeiro—nomeado professor da cadeira de ensino primeiro de Avelãs da Ribeira Grande, concelho e districto da Guarda, por portaria de 27 de novembro findo.

Francisco Gomes Pereira—para a de Ben- catel districto de Evora, por portaria de 29 de novembro findo.

Bernardino Gomes de Almeida—para a de Cabra, concelho de Gouveia, districto da Guarda, por portaria da mesma data.

Antonio Padre Monteiro—para a de Vendas Novo, concelho de Montemor o Novo districto de Evora, por portaria da mesma data.

José Joaquim Machado—para a de Santa- lhão, concelho de Vimioso, districto de Bragança, por portaria da mesma data.

José dos Santos—para a de Passos da Serra, concelho de Gouveia, districto da Guarda, por portaria de 30 de novembro findo.

Leonardo Antonio da Silva Correia—para a de Pombalinho, concelho e districto de Santarém, por portaria da mesma data.

João Pedro Correia—para a de Pombalinho, concelho de Souto, districto de Coimbra, por portaria de 7 de dezembro corrente.

Manoel da Silva Mello—para a de Mamo- deiro, freguezia do Requeixo, concelho e districto de Aveiro, por portaria da mesma data.

José Joaquim de Sousa Pinto—para a de Monsão, districto de Vianna do Castello, por portaria da mesma data.

Alexandre José Xavier—para a de Evora- monte, concelho de Estremoz, districto de Evora, por portaria da mesma data.

Por decreto de 10 de dezembro corrente foi transferida a sede da cadeira de ensino primario estabelecida no lugar de Silveiras, freguezia de S. João de Arcias, districto de Vizeu, para o lugar e freguezia de Parada, no mesmo districto.

Sorte grande.—O premio dos oito con- tos, diz o *Portuguez*, sahiu ao cambista Peres; e assim fechou o anno dando uma boa consoada aos jogadores.

Não sabemos ao certo o numero de sortes grandes, que lhe sahiu durante o anno de 1861; mas talvez andasse aproximadamente por vinte. Ainda não vimos uma fortuna semelhante.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Maciaira d'Alcoba 13 de dezembro de 1861.

Não é só nas cidades e villas de Portugal, que se tem sentido a perda d'el-rei o senhor D. Pedro V; nas freguezias as mais escabrozias, tambem retumbou tão grande golpe; e por essa causa, que a todos os portuguezes compungiu, a junta de parochia, desta freguezia de Macieira d'Alcoba, reunida em sessão extraordinaria, de- liberou que se celebrasse uma missa pelo nosso bondoso monarcha, que já não existe; e, para que este acto correspondesse ao religioso fim a que era designado, assentou que seria no dia trigesimo da morte d'aquelle virtuoso soberano, onze do corrente dezembro; o que assim se pracou no dia marcado, assistindo a mesma junta, regedor, juiz elleito e seus substitutos, e a maior parte do povo da freguezia, a quem com anteci- pação, se tinha feito saber a resolução da res- pectiva junta.

Reunida a junta, segundo tinha deliberado, e junto o povo na igreja foi a missa celebrada — gratis — pelo presidente o revd.º José Fer- reira Estimado, e concluido o acto com o res- pondo do costume; ficando todos admirados e compungidos de assistirem a uma cerimonia para quem em idénticas circumstancias, nunca ti- nham sido convidados.

Pela inserção destas linhas no seu acredita- do jornal lhe ficará muito obrigado o
De v. etc.
José Lopes.

NOTICIARIO

Noticias da corte.—Do *Diario de Lis- boia*, do dia 20, transcrevemos o seguinte:

«Suas magestades e sua alteza o sr. infante D. João, passam sem novidade em sua impor- tante saude.»

Sua alteza o sr. infante D. Augusto conti- nua em suas progressivas melhoras.

A *Politica Liberal* diz que sua alteza sahiu na manhã do dia 20 do paço de Belém, em car- ruagem, e veiu dar um passeio até Lisboa.

Ceremonia da aclamação.—Proce- deu no domingo a camara municipal desta cida- de a esta cerimonia, como lhe fora superiormen- te ordenado. Os vereadores reuniram-se na sala das sessões, e ahi foi proclamado pelo presiden- te o sr. D. Luiz I, como rei destes reinos, lavran- do-se em seguida o competente auto.

A camara seguiu depois, encorporada e com bandeira, para a Sé onde teve lugar o *Tedeum* do estylo.

Para este acto solemmissimo, consta-nos que a camara, conforme com o systema que ultima- mente adoptou, não convidou pessoa alguma! Assistiu portanto unicamente o sr. governador civil e o seu secretario e alguns dos seus emprega- dos.

Chegada.—Hontem pelas 3 horas da tar- de chegou a esta cidade o exm.º sr. Alexandre Maria de Campos e sua exm.ª familia: vem pas-

sar a festa do Natal, em companhia do sr. José Esteves, seu cunhado.

Tourada.—Foi no domingo a primeira corrida de touros. Não dizemos bem: devia ser — porque, na realidade, nem appareceram touros, nem houve corrida.

Houve, se quizerem, um simulacro de corrida O gado, que sahiu á praça, além de ser de raça pequena, mal tinha sustancia para correr, tão tou- reado andava pela fome. Eram touros pobrissimos de carnes, e que mostravam estar já familiarisa- dos com esta especie de divertimentos.

Contudo, ainda appareceram dois ou tres que o deram a conhecer algum genio. E possivel que, se fosse no tempo proprio, estes não descon- tentassem os amadores. Ao menos mostravam boa vontade.

Dos capinhas, apenas um nos pareceu ter alguma destreza. Apparato proprio d'estes espe- ctaculos — nenhum. Nem cortezias, nem cavallei- ros, nem sortes de capa. Quatro homens de for- cado, e nada mais. Uma pobreza franciscana.

Appareceram tres ou quatro mascarar ape- nas, e esses miseraveis. Daquella chusma de chis- tosas e atrevidas mascarar que em outros tempos tanto enchiam e divertiam a praça, nem noticia. O melhor das corridas d'outras eras, era isso. Es- te anno, foi uma chouchisse.

A concorrência foi bastante, mas de gente do povo. Camarotes estava um só occupado, e nas janellas da casa do sr. João Carlos Ozorio, haveria quatro a cinco senhoras, se tanto.

Assim mesmo, os empresarios não tem muita razão de queixa, nem por outro lado os ama- dores. Francamente, ainda esperavamos menos. A cousa veio completamente fora do tempo, e tinha todas as apparencias d'uma especulação infeliz. Isto não quer dizer que, por não sermos amado- res, desejássemos que o fosse. O nosso desejo é que todos tirem bom fructo dos seus negocios. Nesta epocha o que era possivel, era especular em outra *mercaderia*. Havia ahi tanta cousa em que negociar com milhor proveito!.

Mas já agora, o que convem a todos é tirar o maior partido possivel do... *divertimento*. E' o que nós aconselhamos aos nossos patricios, mes- mo aquelles que, como nós, o desaprovam.

Exequias.—Tem sido tantas, e tão so- lemnes as demonstrações de sentimento que todas as corporações de sentimento que todas as corpo- rações, e em todas as localidades, tem dado pela infauista morte do sr. D. Pedro V, que é tarefa improba já ennumerar as a todas.

Ainda ha dias, os jornaes do Porto davam a noticia das solemnes exequias que uma com- missão da rua dos Clerigos fez celebrar na igreja dos Congregados, e a que assistiu uma numerosa e selecta concorrência de fieis.

Esta commissão é a mesma que promoveu os festejos que naquella rua se fizeram na noute de 26 d'agosto, por occasião da visita do rei fallecido á exposição industrial.

A commissão completou pois o seu nobre procedimento honrando depois de morto aquelle que celebrara no fastigio do poder, e mostrou que unicamente fora movida da primeira como da ultima vez por um sentimento de sympathia e amor pelo *amigo dos que trabalham*.

Segundo narram os mesmos jornaes, as exe- quias foram das mais apparatusas que tiveram lugar no Porto, nesta dolorosa conjuntura. Nada faltou á funebre pompa do acto, que o sr. Mar- tins, o talentoso orador de Vizeu, corouo com um bello discurso.

A frente da commissão, estava o nosso ami- go o sr. Benjamim M. C. Guimarães, o mesmo que teve a honra de servir de neve o sr. D. Pedro V na noute do dia 26 d'agosto. Aos seus esforços e desvellos, e dos seus amigos, se de- vem os dous actos, que tanto enobrecem a cor- poração dos negociantes da rua dos Clerigos.

(*)

Uvas em dezembro!—O nosso corres- pondente de Villa do Conde, diz o *Commercio do Porto* communicou-nos em carta de hontem a se- guinte noticia, que é extraordinaria:

«Uma parreira em um quintal de Azurara, d'este concelho, rebentou de novo lançando novas varas e novos cachos, os quaes cresceram chegan- do ao perfeito estado de maturação!»

«Levados da curiosidade fomos alli e vimos este phenomeno, para nós e para muita gente novo.»

Mãe e filho.—Com esta epigraphe dá o *Jornal do Commercio*, de 12 do corrente a seguinte noticia de uma tocante scena passada em Lisboa entre uma mãe e um filho, que se não viam havia mais de doze annos.

«Esta noute, seriam 6 horas, estava uma mulher pedindo esmolla, na rua Occidental do Passeio defronte do palacio do sr. Marquez de Castello Melhor.

Por ao pé da mulher passou um marinheiro da armada, e parou. Depois de reparar por al- gum tempo na mendiga, disse-lhe:

—Vmc.º não é F...?

—Sou. Lhe respondeu a mulher.

—E não me conhece?

—Não conheço, não senhor.

—Então não conhece seu filho Lourenço?

—Meu filho Lourenço! Ora essa!

—Vmc.º é minha mãe, e eu sou seu filho,

tão certo como estarmos aqui ambos vivos.

—Eu tive um filho com esse nome de Lou- renço, mas não sei delle ha mais de 12 annos.

—Pois aqui o tem diante do si, e agora não torna a pedir esmolla, porque me acompanha já para sua casa.

—Bem te conheço, bem te conheço; mas deixa-me em paz, tu mal tens para ti, quanto mais para nós dois.

—Oh mãe olhe que o que eu ganho chega pa-

ra nós ambos; e bem sabe que é uma vergonha para mim, que minha mãe ande a pedir esmolla.

—Pois, sim, pois sim; olha arranja-te tu co- mo poderes, que eu cá vou vendo, e não quero ser-te pesada.

O marinheiro começou a chorar e repetia as suas instancias para que a mãe o acompanhasse; ella receiava sempre os offerecimentos do filho, e como esta scena se prolongasse, foi-se juntando gente, e um dos circunstantes disse para a mu- lher.

—Então a sr.ª encontra um filho que pre- tende tirar a d'esta vida de pedinte, e vmc.º quer antes estar aqui á chuva e ao frio, que receber os beneficios de seu filho! E sabe que mais? Vmc.º agora já está aqui a fazer um roubo, por- que vmc.º agora já não precisa, porque tem um filho que a sustenta, e as esmollas que lhe dão, são tiradas a outros desgraçados que não tem fi- lhos tão bons.

O marinheiro voltou-se para quem assim fallava e em duas palavras lhe referiu a sua his- toria, n'estes termos:

—Olhe, eu andei por fóra mais de doze an- nos, em que nunca tive noticias de minha mãe; quando cheguei a Lisboa fui procural-a mas nin- guem soube dizer-me o que fóra feito d'ella: jul- guei-a morta; naturalmente, disse eu lá, foi nau- fragar no hospital, e como um homem como eu, não póde n'este labyrimto achar com facilidade a quem procura, accommodei-me á ideia de que minha mãe morrêra; mas hoje passando aqui ouvi uma voz a pedir esmolla, que me pareceu a de minha mãe; cheguei-me á mulher que pedia, e convenci-me de que é minha mãe, e agora conhe- ço-a bem, não me engano; ella tambem me conhece mas é ingrata ao filho, que se não esqueceu d'ella e que a não quer vêr a pedir esmolla. Eu estou em veteranos, e tenho bastante para sustentar mi- nha mãe, para que ha-de ella estar aqui a enver- gonhar-me?

E o marinheiro disse isto a chorar. O mes- mo individuo tornou a instar com a mulher para que acompanhasse o filho, mesmo porque já nem a policia podia consentir que ella andasse a pe- dir esmolla.

A este tempo já era grande o ajuntamento do povo, e muitos insistiram tambem com a mu- lher para que attendesse ao que o filho lhe pe- dia.

Com effeito, ambos foram juntos para a rua do Jardim do Regedor, acabando assim esta scena extraordinaria.

O marinheiro é um bom filho, e se todos as- sim foram, talvez não se veriam por essas ruas tantos desgraçados e tantas desgraçadas pedindo esmolla.

Este caso produziu bastante impressão nos espectadores, os quaes admiraram os bons senti- mentos do marinheiro.»

Exemplos para maridos.—Existem actualmente em Paris dois esposos que contam cada um 103 annos. O marido, appellidado Gal- lot, anda ainda oito leguas sem experimentar gran- de fadiga, serviu durante sete annos, em tempo de Luiz XVI, fez todas as campanhas da repu- blica, e o imperio até 1815, e na ponte de Ar- cola tomou a bandeira que Bonaparte ali acaba- va de astear, de cuja mão recebeu a condecora- ção da cruz de ferro. Ha alguns annos empregou toda a sua fortuna de 40:000 francos em um mo- lho, que a agua levou ha pouco. Gallot não tem querido entrar em um estabelecimento de benefi- cencia para se não separar de sua mulher, a quem ama como quando se casou ha 52 annos.

Loterias—O *Diario de Lisboa* publica a seguinte portaria:

Tomando em consideração a supplica que á minha augusta presença dirigiu o provedor da santa casa da misericordia de Lisboa, pedin- do que fosse modificada a disposição do decreto de 23 de março de 1859, a fim de que a mesa daquella santa casa possa fazer vender nas pro- vincias parte dos bilhetes das respectivas loterias; e sendo de toda a conveniencia promover em maior escala a extracção das ditas loterias, cujos lucros revertem em beneficio dos diferentes es- tabelecimentos pios da capital; hei por bem de- terminar o seguinte:

Artigo unico.—O numero de senhas que para a venda dos bilhetes das loterias a miseri- cordia manda entregar no governo civil de Lis- boia será sómente igual ao numero de bilhetes que houverem de ser vendidos na capital; fican- do por esta fórma modificada a disposição do § unico, artigo 2.º do citado decreto de 23 de março de 1859.

O ministro e secretario d'estado dos nego- cios do reino assim o tenha entendido e faça exe- cutar. Paço de Belem, em 6 de dezembro de 1861—Rei.—*Marquez de Loulé*.

Temporal.—Ao *Jornal do Porto* diz o correspondente do Rio de Janeiro o seguinte:

«Dias depois que d'aqui largou o paquete inglez, cahiu sobre esta cidade uma tempestade, que causou grande susto a não pequeno numero de pessoas. Um forte vento e desencadeado, varreu as ruas e abalou as casas, levando aqui parte d'um telhado, alli uma vidraça, acolá ver- gando até ao chão a arvore gigantesca, mais alem derrubando tudo que lhe offercia resistencia. Foi este acontecimento do noite, e uma das mais tempestuosas de que temos lembrança, e para torna-la ainda mais medonha, cahiram muitos raios.

No edificio do *Jornal do Commercio* cahiu um, que, segundo me informaram, derrubou parte do telhado e da parede do fundo da casa, que- brou o tubo da machina e foi desaparecer junto desta, depois de lhe ter feito alguns estragos, que foram de prompto remedios. No grande caté e bilhar imperial, á rua do Fogo, outro

raio percorreu parte do edificio causando gran- de susto aos espectadores, dos quaes foram dous muito maltratados. Do circo de ca- vallinhos, sito á rua da Guarda Velha, foi parte derribado em terra por outro raio. A bola que sustenta o galo da torre de S. Francisco de Pa- la, foi partida por outro raio: e muitos outros acontecimentos houve que deixo de relatar. Fel- izmente não foi ninguém victima deste tempo- ral.

Porque se chama por ironia aos habitantes do Porto «Tripeiros»?—

Diz o *Nacional*. Foi a cidade do Porto a primei- ra que enviou no reinado do sr. D. João I uma poderosa armada fornecida com todos os apetre- chos de guerra para a conquista de Ceuta, tudo pago á custa dos seus moradores, os quaes para que este soccorro fosse provido abundantemente dos viveres os mais mimosos, cortavam pelo seu proprio gosto, alimentando-se dos miudos, e en- tranhas do gado vaccum, em forma que a melhor carne era escolhida para a tripulação da referida armada.

D'este singular e generoso procedimento lhes proveio o nome de *tripeiros* com que o vulgo ignorante das circumstancias dos successos, troca em ironia, o que é digno de sincero louvor, e ser- ve de braço á cidade invicta. Não parou aqui o seu patriotismo porque o Porto soccorreu com ou- tra igual armada ao mesmo rei, que desbaratou com ella a armada castelhana que estava sobre Lisboa: e foi n'esta occasião que o intrepido *por- tuense* João Ramalho mettendo-se em uma chalupa desarmada, e sem outro companheiro mais que o seu valor, atravessou duas vezes a esquadra inimiga zombando da multidão dos seus tiros, pa- ra avisar el-rei de que lhe chegava do Porto es- te soccorro.

Amigo da Patria.

Theatro de D. Luiz.—A direcção do novo theatro fundado em Coimbra, resolveu trans- ferir a inauguração do mesmo theatro para o do- mingo, 22 do corrente, por ser o dia da acclama- ção de S. M. el-rei o sr. D. Luiz I. Alem disso, em commemoração deste fausto acontecimento, decidiu que o theatro se denominasse de D. LUIZ I.

Partida.—Na quinta feira ultima partiu o Exm.º sr. Bispo Conde, de Coimbra para Lis- boia, onde vaç tomar assento na respectiva ca- mara.

O principe Alberto.—O principe Al- berto, cuja morte annunciou hontem o telegrapho, é irmão foi actual duque Ernesto II, Saxe Co- bourg-Gotha, e primo de S. M. el-rei D. Fer- nando.

O principe Alberto Francisco Augusto Car- los Manoel nasceu a 26 de agosto de 1819 e con- tava portanto 42 annos de idade.

Naturalisou-se na Inglaterra em 24 de janei- ro de 1840, e casou em Londres com a rainha Alexandrina Victoria, a 10 de fevereiro do mes- mo anno. Foi elevado á dignidade de *principe consorte*, em 25 de junho de 1847.

Era gran-mestre da Ordem do Banho, mem- bro do conselho privado; feldmarechal e proprie- tario do 11.º regimento de cavalleria de linha e chanceller da Universidade de Cambridge.

Duplo suicidio.—Um espantoso dra- ma, diz a *Revolução*, occorreu ultimamente em Offagne (cantão de Paliscul.) Dois viajantes per- feitamente vestidos, uma joven de 25 a 30 an- nos, e um cavalheiro de 40, desconhecidos na- quelles contornos apearam-se, e pernoitaram em uma hospedaria.

Na manhã seguinte e depois do almoço dis- seram á dona do estabelecimento:—Adeus, se- nhora, brevemente terá noticias nossas.—Com effeito poucos momentos depois, um caçador ou- viu dois tiros; aproximando-se do lugar, onde julgou que elles tinham sido disparados, achou dois cadaveres horivelmente feridos e inteira- mente desconhecidos: eram os dois estrangeiros, que tinham posto fim aos seus dias.

Todas as investigações que se teem feito por saber quem eram, teem sido infructuosas. Compraram as armas em Rocogue, e com ellas commetteram o deploravel acto que referimos.

Despachos.—Carlos Augusto de Almei- da Coutinho, amanuense do ministerio das obras publicas, commercio e industria—nomeado para o lugar de administrador do concelho da Ponte do Sôr, que vagou pela exoneração concedida ao bacharel José Urbano de Bettencourt Rebello.

Bacharel Frederico Ernesto Braga—nomea- do para o lugar de administrador substituto do concelho de Gaiz, que vagou pela exoneração concedida ao bacharel Alberto Malheiro Dias Gui- marães.

Bacharel Francisco de Paula de Mendonça Pessanha—nomeado definitivamente para o lugar de administrador do concelho de Torres Vedras, que vagou pela exoneração co. cedida a Antonio Theodoro Ferreira Taborda.

Bacharel Acacio Ribeiro Alvares de Mello— nomeado para o lugar de administrador substituto do concelho de Trancoso, que vagou pelo falle- cimento de José Geraldo dos Santos.

Silverio Ferreira de Macedo—confirmado na serventia do officio de escrivão da camara mu- nicipal de Villa Nova de Famalicão, que vagou pela exoneração concedida a Lino José de Sousa Ferreira.

Maximo José de Moraes—nomeado para o lugar de administrador substituto do concelho de Cascaes, que vagou pela exoneração concedida a João Antonio Coutinho.

Sociedade club conimbricense—aprovção dos seus estatutos.

Misericordia da villa de Cascaes—licença para contratar a remissão de um fóro.

Irmandade do Santissimo Sacramento da igre- ja de S. Sebastião da Granja de Alpriate, conce-

lho dos Olivares — aprovação do seu compromisso.

João Lucas da Costa, cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa — provido no lugar de fiscal da estação de saúde do porto de Peniche por dois annos.

Que monstro! — Foi ultimamente preso em Rochester um homem chamado Guilherme Winder, que teve a barbaridade de matar um filho, revestindo este acto de circumstancias tão atrozes como singulares.

O filho, que tinha apenas 8 annos, deixou cahir, por acaso, umas tenazes quentes pelo fogo, sobre a perna de seu pai, que, sentado n'uma cadeira e com as pernas estendidas, dormia diante do fogão.

O pai levantou-se furioso e castigou o filho severamente.

Mas não ficou n'isto, pois quiz vingar-se do descuido do filho por um modo que lhe ficasse para sempre na lembrança, e, apesar das supplicas da mãe, jurou que lhe havia de applicar a pena de tálho.

Aproveitando-se da noite, do momento em que sua mulher adormeceu, levantou-se pôz as tenazes em braza, e, descobrindo o filho, cahido no somno, lhe applicou sobre o peito o ferro ardente, e, sem attender aos gritos da victima, nem aos de sua mulher, que estes acordaram, esfregava nas carnes da infeliz creança o instrumento da tortura; e como sua mulher, na maior afflicção, o agarrou violentamente pelo vestido, voltou-se para ella e lhe cravou n'um olho um dos ferros da tenaz.

Quando os visinhos acudiram aos gritos, acharam a pobre mãe desmaiada, o filho estrocendo-se nas convulsões a que se seguiu a morte, e o pai tranquilamente deitado entre dois cubertores!

Este monstro quiz justificar a sua acção com textos da Biblia que consagram a lei de tálho; olho por olho, dente por dente, etc.

Felmente, que os juizes de Rochester não levam o puritanismo a ponto de julgarem que as leis da Biblia devam fazer esquecer as da humanidade; e William Wender terá de responder perante a justiça, pela sua atroz barbaridade.

Exposição. — No domingo foram expostos ao publico na cidade de Vizeu os productos de daquelle districto tem de ir para a exposição de Londres.

Alguns estrangeiros, que foram áquella exposição, disseram que alguns productos mereciam menção muito especial.

Um industrial, que tem viajado pelo estrangeiro, estranhou que não se mandasse uma enchada, e outros dos instrumentos agrarios que não ha em Inglaterra, e que portanto deviam ali ser estimados.

CORREIO

Não tivemos hoje carta do nosso correspondente de Lisboa. Atribuimos esta falta a ter sido no domingo a cerimonia da aclamação do sr. D. Luiz I, e ao desejo de presenciar o acto, afim de relatar na sua correspondencia, ter retardado a entrega desta no correio.

Dos jornaes d'hoje a noticia grave é a da doença do sr. infante D. João. Já hontem á noite recebemos um telegramma em que se nos dizia que S. A. R. tinha piorado, e dava grandes cuidados. Hoje em todos os jornaes do Porto vem partes telegraphicas que dão a mesma triste noticia.

Assim como esta noticia nos surpreendeu, assim vimos pelos jornaes do Porto do correio d'hoje que ella surpreendeu toda a gente em Lisboa quando foi annunciada nos boletins sanitarios da corte.

Continuavam elles a affirmar as melhoras do principe D. Augusto e quanto ás outras pessoas reaes repetiam a forma uzada quando não ha alteração de saúde na familia real.

De repente o *Diario* do dia 21 publicou que o sr. Infante D. João tinha tosse e que precisava de resguardo.

Este ligeiro incommodo agravou-se instantanea e consideravelmente.

O *Commercio do Porto* diz o seguinte: Lisboa 25 — Teve hontem lugar a festividade da inauguração do novo reinado, que foi feita segundo o programma publicado.

Foi muita a concorrência, mas observou-se que o povo ainda não estava preparado para grandes regosijos.

Faltaram por motivo de doença o senhor infante D. João e os srs. duque de Saldanha e visconde de Laborim.

Pelo correio de hoje remettemos o discurso real e resposta.

No correio de hontem dissemos o que houve de mais importante na solemnidade.

Na falta do senhor infante D. João desempenhou o cargo de condestavel o sr. Marquez da Fronteira.

O sr. visconde da Carreira serviu de mordomo-mór

S. M. el-rei o senhor D. Luiz ao fazer a allocução, quando alludiu á infesta morte de seu augusto irmão mostrou-se profundamente commovido.

A commoção na assembléa foi tambem grande. El-rei parecia desempenhar unicamente as funções obrigadas pelo dever. O seu semblante foi sempre triste.

O senhor infante D. João está peor. Foi suspenso o beija-mão que hoje devia ter lugar.

O *Diario*, de 20 publicou o decreto que regula a fiscalisação e cobrança do imposto do sello.

EXTERIOR

Da *Política Liberal*, copiamos os seguintes despachos directos:

Madrid, 20, 4 horas e 25 minutos da tarde. Por noticias de Turin consta que ha crise ministerial. Ratazzi pediu a demissão.

O governador ecclesiastico de Varsovia foi condemnado á morte. Quarenta estudantes foram deportados.

De Washington consta que a maioria dos ministros approva a conducta de Wilkes.

A' Venezuela chegou uma esquadra hollandeza composta de onze navios, para pedir satisfação de insultos.

NB. Supponmos ter havido engano ácerca da demissão de Ratazzi. É provavel que seja Ricasoli, presidente do conselho de ministros do rei d'Italia.

Dos jornaes recebidos hoje extrahimos os telegrammas seguintes:

— Da «Correspondencia»: «Vienna, 14. — Morreu o patriarcha servio, barão Bajano.

O tribunal de justiça conheceu do recurso dos advogados do regicida de Athenas.

«Napoles 14. — A situação da torre do Grecco, por causa da espantosa erupção do Vesuvio, é cada vez mais deploravel.

Continuam a abater as casas; trata-se de restabelecer as communicações.

Londres, 15. — O «Morning-Herald» não acceta projectos de mediação em quanto os dois prisioneiros não forem devolvidos á Inglaterra; mas outros jornaes respondem-lhe judiciosamente, que se a entrega se effectuar, é desnecessaria a intervenção.

A morte do principe Alberto causou profundissima dôr, não só á rainha, mas á nação inteira.

O principe morreu de uma febre typhoide. Diz-se que todas as grandes potencias, consultadas pela Grã-Bretanha, emitiram a opinião de que o acto commettido pelo «San-Jacinto» constitue uma violação do direito dos neutraes.

«Marselha, 15. — Desappareceu o panico em Constantinopla, mediante a prisão dos noticiosos que espalhando novas falsas pretendiam alterar a tranquillidade publica.

Espera-se que no primeiro paquete chegará a esta cidade José Karam, governador do Libano.

«Vienna, 15. — Diz o «Ost Deustche-Post» que se a Italia tem em seus navios mais artilheria que a Austria, a Austria em compensação sabe servir-se melhor de seus canhões; mas que apesar disso, não pensa atacar a Italia.

«Copenhague, 15. — Os plenipotenciarios de Austria e Prussia leram ao presidente do conselho de ministros, ainda que em audiencia particular, uma resposta identica de suas respectivas potencias, á nota relativa ao assumpto dos ducaes; resultando della que não as satisfazem as ultimas concessões feitas pela governo da Dinamarca.

Na votação da mensagem de resposta ao discurso da corôa, ha que fazer rectificação no que se publicou em telegramma particular de Madrid. Votaram no congresso hespanhol, 206 deputados a favor, e 80 contra.

Em seguida o congresso vae entrar na discussão dos orçamentos.

Alguns periodicos do reino visinho insistem na crise ministerial, mas nada a confirma até agora.

Diz um jornal que o governo italiano afim de evitar o abuso de certas facções fazem da liberdade de imprensa, para desvirtuar seus intentos e especular com boatos falsos, antes de adoptar mais rigorosas providencias, appella para os sentimentos patrioticos de determinados escriptores

Suppondo que alguns peccaram por ignorancia, o governo italiano mandou aos perfectos que esclareçam regularmente a imprensa sobre todos os actos do poder e sobre os acontecimentos que possam verificar-se.

Londres, 17. — Os jornaes inglezes dizem que o espirito bellicoso em que está concebida a mensagem do presidente Lincoln, equivale á inauguração da guerra entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

Turin (sem data) — Diz uma carta de Garibaldi que a questão nacional se aproxima á sua solução: «Unamo-nos estreitamente, acrescenta Garibaldi, corramos ao campo de batalha, e isto será penhor seguro de victoria.

Varsovia, 16. — Desmente-se o boato de que alguns sacerdotes foram mandados para o exercito fazer o serviço de soldados; tambem não era exacto acharem-se presos 162 ecclesiasticos, numero altamente exaggerado, pois que apenas estão encarcerados 14; é falsa egualmente a prisão de familias inteiras, nem se descobriram depositos clandestinos de munições e armas.

Turin, 16. — As noticias dos reaccionarios em Napoles são contraditorias, e como os jornaes daqui diminuem sempre o numero e importancia dellas é inutil transmittil-as.

A *Opinião* combate a proposta dos deputados da opposição de mandar Garibaldi para Napoles, porque julga que isso não aplanaria as difficuldades anteriores e comprometteria a aliança franceza.

«Londres 18 — Ha noticias de Washington.

O governo federal faz consideraveis armamentos julgando imminente uma luta com a Grã-Bretanha.

O «Morning-Post» affirma que se mandou o

«ultimatum» a lord Lyons, e que este ou os commissarios presos chegarão á Inglaterra.

As noticias de S. Domingos asseguram que em Gonaives occorreu uma insurreição, mas que foi reprimida. Ignoram-se os pormenores.

N. B. Este despacho vem mais intelligivel do que o que foi recebido em Lisboa no dia 18 e publicado nas folhas d'esta capital no dia 19. Gonaives é cidade e porto do Haiti, onde tem residencia o consul de Franca.

As scenas de guerrilha que se tem renovado nas provincias meridionaes, diz o *Movimento*, inspiraram ao general Garibaldi a seguinte carta dirigida a mr. Mignena:

«Caprera, 30 de novembro.

«Meu caro Mignena. Envio-vos os meus cumprimentos affectuosos em resposta ás vossas cartas.

«Dizei aos nossos irmãos das provincias meridionaes, que digam aos padres, aos borbonicos, muratistas, e outros canalhas semelhantes, que affligem essas valentes povoações, que a justiça de Deus vae brevemente feril-os, e que delles só restará na terra italiana a sua memoria infame.

«Vosso — José Garibaldi.»

Uma correspondencia particular dirigida de Pariz ao — Contemporaneo de Madrid — explica-se deste modo:

«A Inglaterra está dando a todas as potencias da Europa uma excellente lição de politica. A Inglaterra, que foi sempre partidaria mui fervorosa do direito de neutralidade, que por este motivo passou grandes desgostos procura agora sublevar toda a Europa contra os Estados-Unidos. Não é só por interesses de commercio, nem por causa de insultos pacientemente suportados, que a Inglaterra faz immensos preparativos de guerra; mas porque pretende obrar em nome dos direitos da neutralidade, e abrir os portos do sul da União americana em defeza da justiça internacional.

Tanto na Franca como em Inglaterra ha, comtudo, um partido numeroso que deseja a conservação da paz. No ultimo domingo se annunciou que na quinta feira 12 se reunira um *meeting* em Eastern Hill para supplicar a Deus omnipotente que illumine ambos os governos e conserve aos dois paizes os inestimaveis beneficios da paz.»



MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 18 de dezembro SAHIDAS

VILLA DO CONDE, Hiate port. Conceição Feliz, mestre F. d'Oliveira, 7 pessoas de tripol., sal.
PORTO, Hiate port. Deus Sobrê-Tudo, cap. J. S. Ré, 7 pessoas de tripol., sal.
IDEM, Hiate port, Fenix, cap. M. Nunes, 6 pessoas de tr., sal.
IDEM, Hiate port, Nova União, cap. A. F. dos Santos, 6 pessoas de tr, sal
IDEM, Hiate port, Feliz Destino, cap. J, da Rocha, 7 pessoas de tripol, sal
IDEM, Hiate port, Novo Atravido, M. Marques, 7 pessoas de trip., sal
IDEM, Hiate port, Lealdade, cap. M, Fernandes, 9 pessoas de tr., sal
IDEM, Hiate port. Cruz Terceiro, cap. A. Francisco Junior, 7 pessoas de trip, sal.
IDEM, Hiate port, Razoilo, cap. J. Razoilo, 8 pessoas de trip., sal.
IDEM, Rasca port. Moreira, mest. L. Henriques, 9 pessoas de trip., sal
IDEM, Rasca port. Santa Maria, cap. J. de Mattos, mest. 7 pessoas de tr., sal
IDEM, Rasca port. Flor de Aveiro, mest., A. J, viniz, 10 pessoas de tr., sal.
IDEM, Cahique port. Perula do Youga, mest. M, Vicente, 7 pessoas de tr, sal
VILLA DO CONDE, Bateira Olho Vivo, mest. n. d'Angelica, 6 pessoas de tr, sal
N. B. — A rasca Moreira que havia sahido no dia 18 tornou a entrar em 19 com o mastro grande partido.

SAHIDAS EM 22

PORTO — Rasca portugueza *Correio d'Aveiro*, mestre J. Simões, 7 pessoas de tripolação, sal.
IDEM — Rasca portugueza *Patusca*, mestre J. F. dos Santos, 8 pessoas de tripolação, sal.
VIANNA — Rasca portugueza *Conceição d'Aveiro*, mestre F. de Mattos, 7 pessoas de tripolação, sal.
PORTO, Rasca portugueza *Victoria*, mestre L. da Silva, 12 pessoas de tripolação, sal.
IDEM, Rasca portugueza *Senhora do Pilar*, mestre, S. da S. Marques, 9 pessoas de tripolação sal.
IDEM, Hiate portuguez *È Segredo*, capitão A. N. Ramizote, 6 pessoas de tripolação, sal.
IDEM, Hiate portuguez *Christina*, capitão, J. A. Pereira, 7 pessoas de tripolação, sal.
VIANNA, Hiate portuguez, *S. Vicente II*, capitão J. J. da Silva, 7 pessoas de tripolação, sal.
LIVERPOOL, Escuna Hanovriana *Mendina*, capitão, A. Secmens, 4 pessoas de tripolação laranja.
SUANSEA, Hiate portuguez *Hermínio*, capitão, J. da C. Biaia, 9 pessoas de tripolação galeña de cobre.

ANNUNCIOS



No dia 11 de janeiro proximo, por execução que move Antonio Emilio Barbosa desta cidade, contra Manoel Caetano, da mesma, se ha de arrematar pelas 10 horas da manhã, uma morada de casas terras com seu quintal, sitas em Sá, que partem do norte com a rua publica, do sul com

Manoel Alves Neves, e do poente com José Antonio da Motta, avaliadas em 115\$000 rs. Escrivão Nogueira.

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, se hade arrematar no dia 12 de janeiro de 1862, na casa da audiencia, desta cidade, pelas 10 horas da manhã na execução que a fazenda nacional move a José Avelino d'Almeida Gusmão, um foro de 20\$000 rs. imposto na Ilha da Marianna, sita no lugar do Passo, que pagam os herdeiros de José Rodrigues da Paula, e outros de Sarrazolla, avaliado em 400\$000 rs.

A direcção da Caixa Economica d'Aveiro faz publico que no dia 1.º de janeiro proximo futuro, se hão de arrematar no seu escriptorio, na rua Larga, os objectos abaixo designados, em consequencia de se ter vencido o praso das letras que ellas garantiam:

N.º das letras garantidas	Valores da avaliação
161	Meia duzia de colheres prata. 2\$880
257	Quatro pares de brincoes de diferentes formatos, = e um brinco de pedras 22\$500
321	Dois cordões de ouro 26\$000
789	Um cordão 9\$100
818	Um par d'argollas pequenas d'ouro. 1\$200
864	Um par de botões d'ouro grandes para collarinho. 10\$000
865	Um anel antigo d'ouro, = um par de botões com pingentes, = um par de ditos 2\$800
1045	Um par de brincoes d'ouro . . . 3\$300
1145	Um brinco d'ouro p.º pescoco, = par de brincoes antigos. 10\$000
1156	Um par d'argollas 4\$000
1316	Um anel d'ouro, = Um alfinete dito 1\$400
1620	Um par d'arrecadas d'ouro . . . 3\$800
1626	Dois aneis d'ouro 3\$400
1687	Um par d'argollas d'ouro, = um fio de contas dito 4\$500
1694	Uns pingentes de brinc. d'ouro 3\$500
1699	Um par d'arrecadas d'ouro . . . 2\$700
1839	Seis colheres de prata p.º chá, = um broche de ouro, = uma cadea de relógio dito . . . 14\$830
1849	Um relógio de prata 9\$600
2041	Uma cruz d'ouro 1\$600
2362	Dois fios de contas d'ouro, = dois pedaços de ditos, = oito pares de botões de prata 3\$000
2586	Uns pingentes de brincoes d'ouro, = uma argolla, = uma cruz, = dois aneis 3\$700
2596	Um relógio de prata 1\$440
2715	Um fio de contas de ouro meudadas, = 7 pares de botões de prata. 1\$200
2898	Um par de brincoes pequenos de ouro 1\$400

O que se faz publico em conformidade com o disposto no art. 18 § 3.º dos respectivos estatutos.

Escriptorio da Caixa Economica 18 de dezembro de 1861.

A. Pinheiro.
2.º Secretario.

Pela direcção das obras publicas do districto d'Aveiro se faz publico, que, no dia 29 do corrente mez das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, no edificio da secretaria da mesma direcção, se hade proceder á arrematação da construcção do lanço d'estrada --- da Ponte Nova ao Caes d'Ovar --- na extensão de 3^m:067,5, estando patente no acto d'arrematação os desenhos do respectivo projecto e cadernos d'encargos relativos á mesma construcção.

Aveiro 11 de dezembro de 1861.

Silverio A. P. da Silva.
Engenheiro Director.

ARCHIVO JURIDICO

Publicou-se o n.º 3 da 2.ª serie que contém toda a legislação, regulamentos e instrucções sobre o

Imposto de transmissão
Vende-se por 120 rs. na rua do Bom Jardim n.º 69

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.